

VIVER SOB O IMPULSO DA DIVINA FONTE DA VIDA

Em nossa última Assembleia Geral, em outubro de 2012, saímos animadas e impulsionadas pela Divina Fonte da Vida a viver a itinerância, que nos convoca a ver, ouvir, sentir e acolher o gemido dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz (cf. Ex 3,7-8).

Percebemos esse movimento de forma bem concreta no cotidiano da casa (pessoa e irmandade) - montanha (Divina Fonte da Vida) - caminho (missão), movimento esse explicitado pelo Pe. Alfredo Gonçalves - assessor da Assembleia Capitular. Portanto, é no cotidiano da casa-montanha-caminho que somos convocadas a ver, ouvir, sentir e acolher o gemido dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz.

Sabemos que na Vida Religiosa Consagrada (VRC) a maior evangelização ainda é o testemunho, e que amar-nos umas às outras é uma tarefa diária, feita de pequenas coisas. Ademais, o povo logo sente e percebe quando nos amamos e quando vivemos o contrário. Daí a necessidade de sempre voltarmos a olhar para dentro de nossas casas e nos perguntarmos se, de fato, nos amamos (cf. Jo 13 a 17).

Mas afinal, por que itinerar pela casa? Ou por que itinerar pela montanha? Onde elas nos levam?



Se for aí que testemunhamos o amor, logo vai se evidenciando o Deus no qual acreditamos. Que Deus é esse? É aquele que nos convida a entrar diariamente em intimidade com Ele, como Jesus de Nazaré o fez.

O foco da VRC é o encontro com Jesus Cristo e seu fio condutor é o Ex 3,7-10. Deus está no caminho e quer a liberdade do povo. É compassivo diante do povo que sofre. É parcial e abre os horizontes da história pela compaixão. Jesus Cristo apresenta-se como compaixão e faz sua opção pelas vítimas. Logo, Deus tem lugar especial em seu coração, para os deserdados/excluídos.

A perícopes de Ex. 3,7-10, numa análise complementar de cada um dos seus cinco verbos, expressa a manifestação libertadora, atuante e próxima de Yahweh, o Deus do Horeb, o Deus que se manifestou a Moisés. Em outras palavras, esses verbos são sementes que mais tarde germinarão e se constituirão na Teologia da Aliança, tão presente durante o Tribalismo. Sementes porque revelam um Deus pessoal (*vi*, *ouvi*, *conheço*, *desci*), atento (*vi/vejo*), sensível (*ouvi*) preocupado e inteirado (*conheço*), que se move, é presente, comprometido e solidário (*desci para libertar*) na história, na qual seu povo se encontra, o que fará toda a diferença na teologia a partir de então. A que atitudes esses verbos e o contexto atual nos desafiam?

Os verbos *vi* e *vejo* (vv.7 e 9 respectivamente), expressam a atenção, o testemunho e a percepção de Yahweh diante da situação do povo hebreu no Egito, que ele então já chama de “meu povo”. Rossi (2002, p. 16) salienta que “ver” tem também relação com tomar cuidado do caso. Ou seja, os olhos de Yahweh estão abertos, conscientes, e não cerrados e inconscientes à realidade.

O verbo ouvir tem o significado mais precisamente com o sentido de escutar, perceber, sentir, inteirar-se. O ouvir de Javé condensa toda a sua sensibilidade e a sua

resposta ao clamor que o povo lhe dirigiu (cf. Ex 2,23-25). Henry (cf. 2008, p. 65) diz que Yahweh *nota* as aflições do povo.

É fundamental também considerar - no contexto de Ex 3,7, em que o verbo *conheço/sei* está inserido - o processo de aquisição do saber/conhecer pela percepção de Yahweh, tendo como objeto o povo (cf. SCHÖKEL, 2004, p. 268).

Gallazi (cf. 2011, p. 31) diz que este verbo no versículo 8 também carrega o sentido de agir. Yahweh, *sabedor* da aflição e angústia dos hebreus, *intervém* na história de opressão para libertar. Balancin e Storniolo (1991, p. 26) comentam que: “Ele se revela como alguém *presente na vida* do povo e *conhecendo* bem a situação”.

Yahweh já não mais tolerava a situação aflitiva do seu povo, pois sabia o quanto os hebreus estavam sofrendo e o que lhes causava tanta miséria e aflição. O verbo, portanto, não se refere a conhecimento intelectual, mas em uma atitude de Yahweh diante da aflição dos hebreus. Pode-se, desta forma, dizer que Yahweh estava por dentro da situação. E quem está inteirado de algo tem condições de reagir e agir nela, como Ele o fará.

Já o verbo *descer* (Ex 3,8), a partir de sua raiz tem sentido genérico: Deus desce do céu + antropomorfismo (cf. SCHÖKEL, 2004, p. 294). Storniolo e Balancin (1991, p. 26) expressam que: “A sua *descida* é para estar no meio do povo e, aliado com ele, construir uma nova história.” Por isto “desci” tem o sentido de movimento, presença e solidariedade.

O verbo *libertar*, no hebraico, significa basicamente tirar de, sacar de, livrar de. É tirar de uma subjugação. Por isto seu significado é *livrar, libertar, salvar*. Especialmente em Ex 3,8 significa livrar do poder, do domínio de. O verbo denota que Deus é parcial, toma o partido do oprimido contra o opressor. Storniolo e Balancin (1991, p. 26) dizem que: “O Deus Javé é partidário e se solidariza com a causa daqueles que estão esmagados na história.” Ele *intervém* para “arrancar” da opressão. Rossi (2002, p. 15) completa dizendo que “Yahweh passa a ser percebido a partir de sua ação que se encontra localizada na história. [...] Nele reside a esperança de libertação dos oprimidos através dos tempos”.

Deus optou pelos mais fracos tanto no Egito como no decorrer da história de Israel até hoje. Esta opção implica numa opção teológica, no caso da Aliança. Em relação a esta afirmação Rossi (2002, p. 35) diz: “É o modo de se viver a história segundo a realidade de Deus, que se encarna e se solidariza com a pobreza e tem o objetivo de eliminá-la por ser escandalosa”.

O êxodo se constitui num fato fundamental, revelador na história do Povo de Israel, que a partir da saída da escravidão egípcia, passa a conhecer Deus como Yahweh, o Deus que viu, ouviu, conheceu e libertou da opressão escravocrata. Mas é preciso ter presente que o libertar implica em fazer *subir*, isto é, conduz e acompanha o povo para a vida com dignidade (onde corre leite e mel – v. 8).

A intensidade do significado de cada um desses verbos mostra as ações de Yahweh em prol do seu povo escravizado. E são ações de iniciativa e sensibilidade, de amparo e solidariedade, de compromisso e atuação que levarão à Aliança, uma vez que há a promessa de fazer esse povo subir à terra prometida. Compromisso de parceria no tecer condições dignas de vida e de torná-lo sujeito da história.

Portanto, itinerar pela *casa* e pela *montanha* nos leva ao *caminho*. Move-nos a caminhar de forma atenta, acolhedora e sensível às necessidades do povo e da terra

ferida, tecendo a justiça e a paz. Esse caminhar gera a necessidade de sempre retornar à casa e à montanha. Isto significa que é um movimento dinâmico e que nos convida e interpela a abrir caminhos novos. Deus tece a nossa história e quer nos conduzir como parceiro no processo.

Muitos são os clamores de hoje que continuam movendo a escuta divina. Muitos são os gritos que adquirem importância no caminhar, como aqueles reafirmados em nossa Assembleia; por exemplo, o grito da terra ferida. Cabe a nós assumirmos as mesmas atitudes de Javé: ver, ouvir, sentir/conhecer e descer/acolher para libertar e fazer subir.

Oxalá nosso itinerar possa continuar, com mais ousadia, sob o impulso da Divina Fonte da Vida!

ROSSI, Luiz A.S. **Teofania para a Liberdade**: a odisseia de um Deus apaixonado. In: Revista da Cultura Teológica, ano X, n.38, jan.mar.2002, São Paulo: Paulinas.

GALLAZI, Sandro. **Israel na História**: seu povo, sua fé, seu livro. São Leopoldo: CEBI, 2011.

HENRY, Matheu. **Comentário Bíblico do AT**: Gênesis a Neemias. v. 1, Rio de Janeiro, 2008.

SCHÖKEL, Luiz Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.

STORNILOLO, Ivo. BALANCIN, Euclides. **Como ler o livro do Êxodo**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Irmã Luzia Pereira (lulipereira@yahoo.com.br)

Irmã Mari Luzia Hammes (meri.hammes@hotmail.com)